

## ENTREVISTA

Entrevista ao professor Dr. **Valdemir Pires**.

*Entrevistador: Cristiano das Neves Bodart*

Para quem estuda ou já estudou a temática Administração Pública, sobretudo Controle Social, o professor Dr. Valdemir Pires dispensa apresentações. Para quem ainda não adentrou por esses meandros do saber, Pires é professor do Departamento de Administração Pública da Universidade Estadual Paulista/UNESP, lecionando as disciplinas “Finanças Públicas” e “Administração Financeira e Orçamentária Pública”. É coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Controle Social do Gasto Público, no qual desenvolve estudos sobre



metodologias e técnicas de orçamentação pública, orçamento participativo e transparência orçamentária e fiscal. Autor de diversos livros, capítulos e artigos, alguns deles premiados. Foi coordenador do Curso de Economia da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP e do Curso de Administração Pública da UNESP. Já foi Secretário de Finanças e Patrimônio do Município de Piracicaba. Valdemir Pires foi líder da temática “Planejamento, Finanças e Controle do Setor Público”, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração/ANPAD, hoje líder da SEMEA, da FEA/USP . Tivemos o prazer de realizar a presente entrevista ao professor Valdemir Pires, a qual segue:

**FOCO:** Em linhas gerais, como foi sua trajetória acadêmica até chegar a se tornar uma das referências em Administração Pública?

**PIRES:** Questões de gestão pública me chamavam a atenção desde os meus tempos de colegial, em decorrência dos incômodos e descontentamentos que me provocavam os acontecimentos ao meu redor, nos núcleos urbanos e no campo, no Brasil dos anos 1970-80 (fui adolescente, pobre – o que hoje continuo sendo, agora sem o vigor da juventude, mas com o mesmo descontentamento –, um período de profunda crise econômica e de enorme descontentamento político no Brasil). Com o coração, tronco e membros na agitação dos movimentos sociais e das pastorais do trabalho e da terra (estas sob a inspiração da Teologia da Libertação), pensei, de início – e até dei passos nessa direção – mergulhar a cabeça na Filosofia e na Teologia, me tornando sacerdote da Igreja Católica; pensava ser um padre secular, daqueles que iam para as comunidades, ajudá-las a refletir sobre sua condição e a agir em sua autodefesa, organizando-se politicamente. Demorou pouco a aparecer no caminho uma ciência: a Economia, que me parecia – e ainda me parece, apesar de vertentes que negam isso – uma ciência social aplicada, com grande potencial para contribuir na direção de uma sociedade melhor e de governos mais eficientes. É evidente que digo isso, hoje, com o olhar amadurecido que eu não tinha à época, mas estavam lá os elementos básicos que produziram a escolha, que custou muito para se tornar uma realidade, devido à necessidade de estudar e trabalhar. Terminada a graduação, comecei imediata e precariamente a lecionar Economia (Microeconomia, apesar de eu gostar mais de Macroeconomia e Economia do Setor Público e de ter sido monitor das disciplinas de História do Pensamento Econômico e de Formação Econômica do Brasil). Com o tempo, consegui organizar as outras disciplinas que ia lecionando para diversos cursos de graduação (principalmente Administração, Economia, Direito, Contabilidade, Negócios Internacionais, Turismo) de um modo a coloca-las em “piloto automático”, para me dedicar à Economia do Setor Público, a minha “queridinha” de então. Paralelamente, atuei como assessor parlamentar, técnico de planejamento municipal e secretário de finanças. Iam se consolidando a preferência, o conhecimento e a prática daquilo que se tornou o meu fazer, até hoje. Com a lentidão imposta pelos compromissos profissionais e familiares (casei muito cedo, logo tendo um filho, que já disseram ser o que melhor eu fiz), fui cursando pós graduação – mestrado em Economia Política e doutorado em Educação (com tese sobre economia da educação). Há sete anos atuo num curso que é o melhor espaço que pude encontrar para “depositar” esse acúmulo: Administração Pública, na UNESP de Araraquara, onde leciono Finanças Públicas e

Administração Financeira e Orçamentária Pública. Desde que fui coordenador deste curso, ingressei num movimento conhecido como “Campo de Públicas”, que congrega os cursos de Administração Pública, Gestão Pública, Políticas Públicas, Gestão de Políticas Públicas e Gestão Social, no qual me sinto muito bem e tenho muitos amigos, sonhadores como eu, no tocante à busca de uma gestão pública tecnopoliticamente qualificada no país, focada no objetivo de desenvolvimento socioeconômico com redução das desigualdades. Talvez pelo “barulho” que temos feito você diga que eu tenha me tornado uma referência, o que de fato eu não sou: a referência, hoje, nesta área, ainda se consolidando, é um grupo que tem muita gente de excelência (acadêmica e tecnopolítica), do país todo, de muitas universidades, faculdades e cursos, e que atende pelo nome de “Campo de Públicas” (a respeito, ver o blog de mesmo nome, em <http://campodepublicas.wordpress.com/>). Estão nas mãos do Ministro da Educação, para sanção, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Nacionais próprias para os cursos do Campo de Públicas; elas foram concebidas, articuladas e defendidas - contra muitos opositores - por este grupo que digo ser hoje a referência em Administração Pública no país, no âmbito acadêmico.

**FOCO:** O senhor, em alguns de seus trabalhos, tratou da temática "Controle Social na Gestão Pública". De que forma o senhor vê esse tema no campo da empresarial estatal?

**PIRES:** Existe um controle social na gestão pública assegurado pelas normas constitucionais e legais típicas da democracia representativa; este controle se dá por meio dos esquemas de representação tradicionais (eleitores e eleitos dividindo tarefas e papéis) e dos sistemas de pesos e contrapesos na relação entre os poderes, coisas que de algum modo se resumem pela expressão inglesa *accountability*. Mas na medida em que a democracia representativa vai perdendo seu vigor e seu apelo numa sociedade muito diferente daquela em que ela se consagrou – hoje a ideia de elite, que tão cara foi à prática concreta da representação, quase não faz mais sentido, com a plena urbanização e com o acesso amplo ao conhecimento e à educação – e na medida, também, em que a noção de Estado vai perdendo nitidez com as formas não estatais de manifestação e

organização do interesse público, controle social torna-se uma expressão e uma prática que precisa ser repensada, reconstruída a partir de novas tendências já bem desenhadas em termos de concepção, mas ainda em fase de experimentação na prática tanto da política quanto da gestão. As próprias empresas, hoje em dia, com suas características muito distintas das que tinham no capitalismo de até o segundo pós-guerra, precisam de maior controle social e não apenas de limitações impostas pelos governos – daí a importância que vai assumindo o conceito de governança corporativa e o espocar do reconhecimento dos múltiplos e distintos *stakeholders* também na esfera mercantil.

**FOCO:** Professor, o Sr. que passou pela economia e se destacou no campo de Administração Pública, poderia nos apontar se as experiências e práticas da administração empresarial podem ser implantadas na administração pública a fim de que esta seja aprimorada?

**PIRES:** Diretamente não; sem mediações inteligentes, não. Os fracassos das reformas do estado de cunho neoliberal dos anos 1990 são provas disso. Estamos vendo, ultimamente, muita gente que esteve envolvida nessas reformas, no Brasil e fora dele, rever seus conceitos. Os mais honestos estão também abandonando seus preconceitos, depois de percebê-los como tais. Imagine a administração pública como um elefante (e ela tem, por sua própria natureza, algo de paquiderme, do que jamais poderá se livrar) e a administração privada como um tigre (que sem sua agilidade intrínseca perde a graça e a vida): não é possível fazer cruzar esses dois animais e produzir um “elefantigre”. De modo que teremos que nos contentar com o zoológico, onde todos os bichos têm alguma contribuição a dar e algum papel a cumprir, nem que seja enfeitar. Temos que ter a habilidade do bom gestor de zoológico, para garantir que todos sobrevivam e que o zoológico continue cumprindo sua função garantidora disso. Alguns dirão que o zoológico é artificial e que seria melhor pensar nos habitats naturais dos bichos como metáfora. Mas não: é de cultura que se trata, não de natureza, quando se fala de Estado, mercado, governo, empresa.

**FOCO:** De que forma o senhor vê o distanciamento/proximidade da produção acadêmica brasileira na área de administração pública, com a prática da Gestão Pública?

**PIRES:** Nossa prática de gestão pública fez progressos incríveis nas últimas oito décadas, acelerando-se fortemente desde a democratização no final dos anos 1980. Este é um fato histórico incontestável. Os avanços mais recentes (desde a Constituição de 1988) infelizmente não estão sendo devidamente percebidos e adequadamente avaliados pela opinião pública, por conta de algumas iras que estão embaçando os olhos da maioria das pessoas, às voltas com caças a corruptos, com divergências partidárias. Mas em perspectiva histórica acho que se chegará um dia à conclusão de que os anos 1980-2010 foram um momento crucial para a existência, no Brasil, de um Estado de verdade, menos submetido às lógicas conjunturais dos sucessivos governos. A academia tem contribuído para isso, porque muitos dos seus quadros estiveram e estão metidos nos fazeres desse novo Estado. Por outro lado – e aí outra coisa que poucos sabem – explodiu o número de cursos e de estudantes dos cursos do Campo de Públicas em todas as regiões do país. Agora começa a crescer a pós-graduação. Com este novo quadro em vista, será necessário ampliar a produção científica e técnica da área, ao mesmo tempo de modo cosmopolita, por meio da interação com o que se produz a respeito no resto do mundo; e de modo autóctone, dando às pesquisas e descobertas as necessárias características do que têm sido e virá a ser a gestão pública no Brasil.

**FOCO:** O Senhor aponta os avanços, sobretudo, de tal campo de estudo. Frente a isso, qual(is) área(s) ou setor(s) de atuação em Administração Pública o senhor identifica como mais promissor(es) para quem está ingressando hoje no mercado de trabalho?

**PIRES:** Num país do tamanho e complexidade do nosso, as carências profissionais estão por toda parte, de modo que todas as áreas e setores deverão crescer se o crescimento econômico não estancar; se ele estancar, também se exigirá mais capacidades e talentos para retomá-lo: então, sou otimista. Mas é claro que algumas grandes áreas – novas ou sob novas abordagens – despontam: gestão orçamentária

focada em resultados; gestão de recursos humanos em ambientes conflitivos; gestão tributária sob crise fiscal; gestão de relações público-privado; administração pública em ambiente globalizado e/ou de acordos regionais; políticas públicas, especialmente saúde, educação, meio ambiente e inovação tecnológica; urbanização e transportes públicos; regulação de serviços públicos concedidos ou sob parceria público-privado etc.

**FOCO:** Parece que a área de Administração Pública é bastante promissora, como destacado pelo Sr. Para encerrarmos nossa entrevista, lanço ainda mais uma pergunta: Quais as habilidades e conhecimentos básicos exigidos pelo mercado à um recém formado em Administração Pública?

**PIRES:** A resposta a esta pergunta mereceria um livro inteiro. Por isso me limitarei, aqui, a dizer que são habilidades tecnopolíticas, ou seja que combinam conhecimentos técnicos (objetivos, parametrizados por metodologias científicas, capazes de elevar a produtividade) com conhecimentos políticos (na esfera das intersubjetividades em busca de uma visão comum e de decisões de interesse mútuo, essenciais para viabilizar negociações e viabilização de consensos ou de boa administração dos dissensos, sob perspectiva democrática). E aqui me permitam rir, porque se é difícil entender isso, imagine-se fazer. Mas não vejo como fugir dessa demanda formativa, que requer projetos pedagógicos que fazem os atuais parecerem coisas escritas em pergaminhos, senão em pedras. Que venha o debate!

**FOCO:** Professor, agradecemos pela atenção e pela rica entrevista proporcionada ao leitores da Revista Foco.